

"PEQUENO ESTUDO DO TEXTO 'TURNING A BLIND EYE: THE COVER UP FOR OEDIPUS' DE AUTORIA DE JOHN STEINER"

Emir Tomazelli*

São Paulo, terça-feira, 10 de outubro, de 1995.

* Psicanalista e professor do Departamento Formação em Psicanálise.

"S e as paixões se excitam no olhar e crescem pelo ato de ver, não sabem como se satisfazer; o ver abre todo o espaço ao desejo, mas ver não basta ao desejo. O espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar. Sabemos o quanto pode ser triste o olhar desejanste" (Jean Starobinski, *L'oeil vivant*)

ANOTAÇÕES:

1) Gostaria de retomar nesta noite um assunto que esteve presente em nossos encontros nas noites anteriores – a “concretude do pensamento kleiniano” – para pensá-lo.

Para pensá-lo, parece-me oportuno, em uma reunião como esta, que almeja a preparação das pessoas para um encontro com alguém que segue o caminho de Klein, supor a verdade dessa questão que envolve a concretude kleiniana, ou seja, é necessário considerá-la concreta. Isto é, supor sua espessura, supor seu peso, supor sua concepção cega de um psiquismo como um aparelho imagético e coisificado (e, num certo sentido, tornado coisa quase palpável) para poder começar a estudá-la.

Mas – com uma brincadeira para evocar o espírito de Lacan em uma reunião dedicada ao estudo de Klein – melhor começar por fatos lingüísticos: o termo concreto, como conceito, em Hegel, evoca

um verbo em latim, isto é, evoca o verbo latino “concrecer”. Para ele, esse verbo continha a idéia de *crescer junto, crescer com*. Concreto era aquilo que tinha e tem relação com a evocação da totalidade, com o abarcamento, a polissemia de relações e com a atualidade do homem. O concreto é o presente capaz de abarcar tudo. É presença. Isto é, é esforço. Em Hegel a construção de um conceito era da ordem do concreto, feita na oposição de um exercício de discurso, onde o diálogo entre os que discutem se opera como um jogo de demonstração, assentimento e atualidade. Abstrato, por seu turno, era aquilo que fazia o homem estar fora do contexto em que ele acontecia. O abstrato é a leitura feita destituindo o homem de suas condições reais, elevando-o ao plano do a-temporal.

(Entre parênteses, é bom observar também que nessa discussão sobre o concreto e o abstrato reside toda a problemática ética da intervenção clínica em psicanálise e, ao mesmo tempo, da construção teórica em ciência. A higiênica postura “a-corporal” da ciência, fazendo-nos buscar a branquidão do branco, buscar a neutralidade enquanto negação da corporeidade, faz um jogo revelador de um equívoco, jogo revelador da atitude de “fazer vista grossa”, propondo uma leitura, uma visão que sempre precisa fazer acreditar que a ausência do sensorial e do ilusório nos conferem a presença da verdade. O sensorial é ilusório, nos diz Lévi-Strauss, em *Mito e Significado*, “real seria o mundo das propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o mundo dos sentidos” [in, Adauto Novaes, *De Olhos Vendados*, p. 9]... É evidente que não se pode mais pensar assim quando se pretende e se faz ciência em psicanálise. Já aprendemos com Klein, o sensorial é o ilusório e o ilusório é a máquina de pensar o real... Bem, deixo por aqui interrompido o comentário, retomo em outra oportunidade.)

Por outro lado, sem tomar a filosofia como referência, o concreto, experimentado no estudo de Melanie Klein, também evoca a verdade física do corpo e da ação. Evoca um já surrado: “no princípio era a ação”.

Em Klein o corpo é a história física da palavra, ou seja, é a história do ato que a fez – que a *phantasiou*(!), poderíamos dizer. Em Klein o corpo é natureza, é narrativa e é memória afetiva, não sendo possível separar da corporeidade o binômio dor e símbolo, nem evitar a ligação das experiências físicas com as vivências de castigo e conhecimento. No corpo contempla-se, como bem o sabemos, um pedido de

suplício e de punição como fantasia masoquista por ignorar, por estar ignorante. É na manifestação da ignorância que encontramos um pedido de penitência e de castigo como um gesto de autodestruição por ausência completa do desejo de saber.

Em outras palavras, o corpo em Klein é conhecimento, e, por tê-lo, torna-se compelido a dar “física”, a dar forma representada à história que as palavras contam depois que o corpo age. É certo acidentar-se ao viver assim fazendo, mas, em Klein a concretude é de tal força que o homem corre o risco de ser o remanescente físico de um acontecimento predito por um oráculo qualquer, como o foi o nosso Édipo.

Édipo, o sabemos, foi capaz de responder à indagação da Esfinge, porém, incapaz de ver o que era visível em sua própria história – assim insistem os textos que estudamos de Steiner e de Cassorla. As palavras oraculares lhe tinham dito que sua vida seria o resultado de um desígnio que o colocaria em ação antes que pudesse dar-se conta disso. Ou seja, Édipo seria aquele que reproduziria no mundo da ação aquilo que foi predito pelo oráculo, no mundo da adivinhação, e esquecido por ele. Mataria o pai, desposaria sua própria mãe (tendo com ela filhos – estando dentro dela por duas vezes, uma vez como filho outra vez como homem!) – e – aí acho que entra a questão de Steiner – passaria pelo ridículo de, tendo tudo ali diante dos seus olhos, ficar absolutamente cego e, além de tudo, arrogante, passando pela vexatória situação que Freud já havia reservado para as histéricas, de ser “aquele que sabe, mas não sabe que sabe!”. Estranho destino esse, de ser capaz de ver e incapaz de enxergar o que diante de seus olhos já se apresentava como conhecimento inconsciente, laboriosamente urdido pela cegueira. Pobre Édipo, pensando ter pênis quando há tanto já havia sido castrado em sua profunda ignorância de si mesmo. Pobre Édipo, decifrador de enigmas, que deve cegar-se por não ter visto a morte de seu pai e a profanação de sua mãe que ele mesmo cometeu. Que insólito esse destino de um homem fadado a recusar a realidade de sua ação e a tragédia que seu esquecimento promove, pois não reconhece nem pai, nem mãe, levando ambos ao encontro certo com a morte. Que homem é esse que perdeu todos os meios de recordar sua origem, que perdeu, de modo violento, o acesso a sua própria história, evacuando-a na sua musculatura, tornando-se o bode expiatório do próprio ato de ver e então poder conhecer?

Pensamento concreto? Sem dúvida. Pensamento realizado na ação um instante antes da palavra. Atuação profunda da verdade falada no gesto violento de dor, cegueira e angústia, por nada saber de si, tendo que responder por uma ação que vagamente poderia ser tomada como própria!

2) Antes deste seminário, disseram-me: “Esses kleinianos estão querendo reinventar a roda! Já se falava disso em Freud!” Basta ver as questões levantadas por conceitos como a rejeição, a denegação, o repúdio à realidade, que se engendram lá na discussão de Freud e ali ficam sempre assinalados como demarcadores do campo das psicoses. De nossa parte também achamos que o pensamento kleiniano que se desenvolveu na Inglaterra, o fez de forma bastante particular. Apesar do esforço de alguns em recuperar algo de Freud, sempre, os autores kleinianos dedicaram-se muito mais a uma investigação da derivação desses conceitos iluminados por Klein. Ao mesmo tempo dedicavam-se também ao que eles mesmos desenvolviam em suas clínicas sob a inspiração da fertilidade onírica que Klein lhes oferecia. O rigor “à la lettre” não lhes foi o objeto de trabalho.

Trabalho diferente do que o ambicioso, sagaz e criterioso Jacques Lacan fez com o seu retorno a Freud. No entanto, se relevarmos essa falta, descobriremos coisas preciosas no kleinismo sobre a questão do *olhar e sobre a questão da inextrincável ligação concreta entre dor e visão*.

O ódio que a mente tem da experiência corporal, da experiência do sensível, é de uma intensidade tremenda em Klein. Não é o trauma sexual que dispara o processo de formação do sujeito psíquico. O que está em jogo é o trauma que a experiência perceptiva em si mesma provoca, é a própria sensopercepção em sua função humana que fere. Não é a sexualização do corpo o que pode comprometê-lo, em Klein o corpo é dado como sexualizado. Porém, aos olhos do humano de Klein – aquele ser que é ávido pela morte – é a percepção ela mesma daquilo que ofende o portador da visão e portanto deve deixar de existir por fazer o eu sofrer. A função visual é obrigada a ser evacuada em um espaço de ausência de significado para que seja garantida a anestesia do eu.

[Note-se aqui, no entanto, que a questão que o texto de Steiner nos propõe é um pouco diferente, pois aponta muito mais para o

ridículo do herói (seu fracasso diante da possibilidade de manejar seu destino) e de seus companheiros de conluio, que aponta para a percepção, enquanto um problema, ela mesma. Isto é, o “fazer vista grossa” – na visão de Steiner – é da ordem da catástrofe do ego, que se estraçalha, cognitivamente, para dar conta de não se saber capaz de ter visto o que viu, isto é, em Steiner é o ego (e não o corpo) cego de sua realidade edípica que é incapaz de contornar seu destino falado pelo oráculo e vivido em cada detalhe da ação.]

Em Klein, a visão conecta-se ao problema suscitado pela inveja e isto liga-se diretamente à questão do olhar. Mais que isto, liga-se mais à questão do ver, do suportar ver o objeto, do que à questão do ser visto. Não é o aspecto dramático, nem mítico que está em jogo em Melanie Klein, é o físico em sua própria singularidade de sofrer uma experiência: a visão é insuportável, a existência do objeto como da ordem do visível é insuportável. Nesta leitura, a visão não admite dúvida, não admite recuo. É esse exato e absoluto da visão, é esse irreduzível do olhar que faz insuportável aquilo que está aí para ser visto como visível. A visão fica obscena, fica atravessada pela brutalidade de um olhar a qualquer preço. Atravessada por um imperativo que transforma o ver em dever e, por reação, em um não ver, em um “in-ver”, em uma inveja.

De qualquer forma, tanto no caso da cegueira que ridiculariza o herói, quanto no absoluto cancelamento da função do olhar que o invejoso se impõe para suportar a amargura contida no ato de ver, em ambos os casos temos uma cisão no ego, temos uma divisão, temos uma duplicação do sujeito que vê.

Forcemos mais uma vez nosso Lacan a trabalhar: a divisão, talvez, possa ser vista como dupla visão, isto é, “di-visão”, ou como visão do duplo que é o resto odiado do próprio sujeito. Aí temos colocado o problema da presença de um narcisismo de morte onde o espelho d’água da fonte na qual se mirava Narciso não é mais uma superfície de reflexão, mas sim de absorção, de convite para o afogamento na imagem.

Isto é, aqui a função do olhar está completamente tomada e entendida no campo da morte.

3) No artigo “*A divisão do ego no processo de defesa*” (1938)¹, escrito no Natal de 1937 – como nos diz Jones –, Freud trabalha com dois

¹ Outra questão que seria bom recortar é que em Steiner a questão do “olho cego” não se refere aos grandes mecanismos de defesa como o *splitting* e a repressão, segundo ele mesmo afirma: ...“and I do not think mechanisms such as splitting or repression were at work. I think he turned a blind eye and then tried to maintain a cover up as he became superior and morally righteous.” (p. 163) “... e eu não penso que mecanismos como a divisão e a repressão estivessem em operação. Eu penso que ele fingia não ver e perceber e então tentou manter um disfarce como sendo ele superior e moralmente correto.”

conceitos – rejeição (*Verleugnung*) e splitting (*Spaltung*) – que a meu ver se entrelaçam com a problemática da estética na obra freudiana e na psicanálise. Estética particular ligada à visão de um órgão ferido e que aponta para uma experiência de feiúra gerada pela aterrorizante visão do genital feminino. Aquilo que *apresenta* e aquilo que *representa* o feminino é o que virá, no fetichismo, a explicar a divisão do ego teoricamente falando. Cego de rancor, cego e dividido pela visão do feminino, o ego torna-se fetichista, identificando-se perceptivamente com a visão do órgão fendido, tornando-se um ego-fendido, *um ego ofendido*. O dom e o dano, a dádiva e a ferida tornam-se aí o fundamento de uma sexualidade que irá pensar o feminino como defeito incurável e o masculino como potência cega, puro falo (*phallus*), destacado da verdade limitante de sua “fisicidade”. Um verdadeiro Saturno que mais uma vez se apresenta.

No entanto, quem faz “vista grossa” não rejeita a realidade do próprio corpo, nem do corpo nu que possibilita a visão do feminino; quem ‘faz vista grossa’, está dando as costas para o mundo mediado pelas potências corporais e portanto perceptíveis, inteligíveis e cognoscíveis porque belas. Está dando as costas para o fato de que tudo é ou pode ser da ordem do conhecimento, da consciência, isto é, do *estar cômico* de.

Quem faz “vista grossa”, luta para não ver o mundo que se consagra, que se festeja na corporeidade fazendo-a bem-vinda, e assim – e só assim – se abre para uma possível beleza do mundo. O repúdio que “o olho cego” faz pela realidade, abre-se sobre o abismo da destruição da vida viável, da vida possível. A aposta no estar vivo e vendo não interessa. Nesse mundo dos olhos vendados não há desejo, tudo é da ordem da necessidade. Tudo é da ordem do investimento e do trabalho obrigatório, não voluntário. Quem faz “vista grossa”, investe na ausência de significado e de sentido, investe em um mundo de feiúra e de silêncio que se recusa a propor a própria beleza por invejar o sujeito que o admira. “É o ódio do espelho pelo homem que ali se reflete.”

Note-se, em Klein a cegueira não nasce da visão do feminino que está implicado na castração e conseqüentemente no narcisismo. A cegueira nasce do ódio ao corporal e a suas funções vivas e ativas.

Atenção: com Klein percebemos que tudo o que é do corpo importa ; com ela também podemos dizer que nada que vier do corpo importa, o corpo não é desejado, o corpo exige um trabalho contínuo que deve ser evitado; assim exige a pulsão.

Se o feminino em Freud é visto como a expressão sensível da visão de um dano, dano que se materializa na existência “concreta” da vagina – posto que sua visão é a visão de uma ausência, ausência de pênis –, em Klein a existência corporal da vagina deve ser um ato de consagração. Considerá-la a partir da castração é denegá-la (isto é: negá-la duas vezes consecutivas, ou seja, a primeira ao [não querer] vê-la e, a segunda, ao [não poder] desejá-la) por recusar-lhe o acesso ao seu lugar natural, isto é, simbólico, isto é, corporal.

Quem nega o corpo priva-se da verdade que ele já contém, evitando assim o contato com as manifestações do perfeito e do belo que constituem a palavra apresentada como físico. O sentido de encantamento narcísico e de deslumbramento por deter a posse da beleza do outro, ao não vê-lo, faz do olhar e da visão um instrumento de ofensa e de ferimento.

4) No **Longman – Dictionary of Contemporary English** (edição de 1988, sexta impressão), encontra-se no verbete **cover-up** os seguintes significados: a) como substantivo, “uma tentativa de prevenir que algo desonrante ou criminoso venha ao conhecimento público”; b) como verbo, diz respeito ao “evitar ser percebido ou vir a ser publicamente conhecido”; c) também como verbo, no sentido informal, **cover up for** quer dizer, “esconder alguma coisa errada ou desonrante a fim de proteger (uma outra pessoa) de uma punição, acusação, etc.”.

No verbete **(to) turn a blind eye**, por outro lado, fala do “fingir não ver ou perceber (alguma coisa, especialmente alguma coisa ilegal)”. Achei interessantes essas contribuições, jogam alguma luz polissêmica nas palavras usadas por Steiner e sobre em que contexto semântico ele pensa em sua língua.

Bem, termino aqui deixando estas anotações incompletas, como incompleto também fica o trabalho de apresentar John Steiner e seu pensamento para vocês. Creio que a Cláudia e o Armando poderão acrescentar um pouco mais ao tanto que desse estudo ainda falta. Obrigado!